



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

RAFAEL RODRIGUES LIMA

**Exercício de representação da paisagem como um lugar de memórias de três
localidades na cidade do Recife- Pernambuco**

**Recife
2025**

RAFAEL RODRIGUES LIMA

Exercício de representação da paisagem como um lugar de memórias de três localidades na cidade do Recife- Pernambuco

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Geografia

Orientadora: Profa. Dra. Edvânia Torres Aguiar Gomes

RECIFE

2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Lima, Rafael Rodrigues.

Exercício de representação da paisagem como um lugar de memórias de três localidades na cidade do Recife- Pernambuco / Rafael Rodrigues Lima. - Recife, 2025.

46p. : il.

Orientador(a): Edvânia Torres Aguiar Gomes

Coorientador(a): Talitha Lucena de Vasconcelos

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Geografia - Licenciatura, 2025.

Inclui referências.

1. Geografia. 2. Paisagem. 3. Lugar. 4. Fenomenologia. 5. Memória. I. Gomes, Edvânia Torres Aguiar. (Orientação). II. Vasconcelos, Talitha Lucena de. (Coorientação). IV. Título.

910 CDD (22.ed.)

RAFAEL RODRIGUES LIMA

Exercício de representação da paisagem como um lugar de memórias de três localidades na cidade do Recife- Pernambuco

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Geografia

Aprovado em 10/04/2025

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Edvânia Torres Aguiar Gomes (Orientadora)

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Profa. Ma. Camilla Aryana da Silva Monte (Examinadora)

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Ma. Marina Loureiro Medeiros (Examinadora)

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

AGRADECIMENTOS

Não atribuo ao mérito individual a totalidade do conhecimento que possuo, mas sim ao conjunto de experiências e aprendizados proporcionados por professores, amigos e familiares, que contribuíram para minha formação. Destaco, em especial, a orientação da Professora Doutora Edvânia Torres Aguiar, cujo acompanhamento foi fundamental ao longo desta jornada, assim como a Professora Doutora Maria Cristina Hennes Sampaio, por suas ponderações valiosas. Expresso também minha gratidão aos meus amigos Amanda, Cyro e Gaby pelo tempo dedicado e pelo apoio prestado na construção desta monografia. Por último, gostaria de agradecer ao departamento, na figura da coordenadora Talitha Lucena de Vasconcelos, pela sua prestatividade.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo o registro de um exercício dentro da perspectiva fenomenológica de representação de lugares vivenciados por uma cidadina e cidadã da cidade do Recife, acerca das paisagens vividas, concebidas e percebidas (tríade de Lefebvre) de localidades onde realizou atividades desde a primeira infância até a sua fase atual que representa oito décadas. Neste trabalho essa pessoa expressa a sua percepção e representação sobre as localidades em três bairros históricos da cidade do Recife: Areias, Jiquiá e Imbiribeira. Com o auxílio de um roteiro de diálogos estruturado, vão sendo capturados e registrados os relatos com os marcos de referências considerados mais importantes ao longo do conteúdo, considerando as dinâmicas e alterações de uso e ocupação do solo materializados e aludidos nas memórias. Não obstante para confrontar com o concebido a partir do que mencionado como vivido, foram realizadas visitas in loco, ou seja, essas paisagens e suas localidades foram observadas no campo. Nessas oportunidades, foram registrados e apontados os processos e dinâmicas ocorridas ao longo do tempo. O auxílio de imagens, como fotografias atuais e dos períodos mencionados, além do uso de mapas, foram fundamentais para a realização deste trabalho, permitindo revisitar memórias às quais foram agregados elementos substanciais que colaboram para a leitura das paisagens da cidade desde os lugares da memória e afetividade. Fez-se também uma revisão de literatura a respeito dos temas “Paisagem” e “Lugar”, conceitos da Ciência Geográfica que permitem compreender melhor as questões da entrevistada com as paisagens abordadas. Sendo uma pesquisa de cunho qualitativo, a fenomenologia de Edmund Husserl esteve presente em sua metodologia.

Palavras-chave: Paisagem. Lugar. Geografia. Fenomenologia.

ABSTRACT

This work aims to record an exercise within the phenomenological perspective of representation of places experienced by a city dweller and citizen of the city of Recife, regarding the landscapes lived, conceived and perceived (Lefebvre's triad) of locations where she carried out activities from early childhood to her current phase, which represents eight decades. In this work, this person expresses her perception and representation of the locations in three historical neighborhoods of the city of Recife: Areias, Jiquiá and Imbiribeira. With the help of a structured dialogue script, the reports are captured and recorded with the reference points considered most important throughout the content, considering the dynamics and changes in land use and occupation materialized and alluded to in the memories. Nevertheless, in order to compare with what was conceived from what was mentioned as lived, on-site visits were carried out, that is, these landscapes and their locations were observed in the field. On these occasions, the processes and dynamics that occurred over time were recorded and pointed out. The use of images, such as current photographs and photographs from the aforementioned periods, as well as maps, were essential for this work, allowing us to revisit memories to which substantial elements were added that contribute to the reading of the city's landscapes from the places of memory and affection. A literature review was also carried out on the themes of "Landscape" and "Place", concepts from Geographical Science that allow us to better understand the interviewee's issues with the landscapes addressed. As this is a qualitative research, Edmund Husserl's phenomenology was present in its methodology.

Keywords: Landscape. Place. Geography. Phenomenology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Localização da Estação Werneck e primeira casa.....	13
Figura 2: Localização da Fábrica de Tecidos Yolanda e Vila Operária Yolanda.....	14
Figura 3: Localização da casa dos primos, da escola Heróis da Restauração e do Engenho Uchôa.....	14
Figura 4: Localização do Residencial Boa Viagem e Shopping Center Recife.....	15
Figura 5: Planta da cidade do Recife em 1951.....	23
Figura 6: Estação Werneck.....	24
Figura 7: Ponte do Jiquiá e Fábrica Yolanda ao fundo.....	25
Figura 8: Propaganda da Fábrica Yolanda.....	25
Figura 9: Iolanda Futebol Clube.....	26
Figura 10: As festas no Iolanda Futebol Clube.....	26
Figura 11: As festas no Iolanda Futebol Clube.....	26
Figura 12: O Residencial Boa Viagem.....	28
Figura 13: A violência das comunidades próximas ao Residencial.....	30
Figura 14: Área antes da construção do Shopping Center Recife.....	31
Figura 15: O Shopping Center Recife já construído.....	31
Figura 16: Shopping Center Recife e trecho do rio Jordão antes de ser canalizado.....	32
Figura 17: Antiga linha de trem no cruzamento entre as ruas Cambucá, Dona Ana Aurora e Aurora Caçote.....	33
Figura 18: Aviso de via férrea no mesmo cruzamento.....	34
Figura 19: Escola Estadual Heróis da Restauração.....	35
Figura 20: Praça Heróis da Restauração.....	35
Figura 21: Lago da praça Heróis da Restauração.....	36
Figura 22: Ponte do Jiquiá e a antiga Fábrica Yolanda ao centro.....	37
Figura 23: Antiga Fábrica Yolanda.....	37
Figura 24: Antiga Fábrica Yolanda.....	38

Figura 25: Rua Harry Black, onde ficava parte da Vila Operária Yolanda.....	38
Figura 26: Rua Harry Black.....	39
Figura 27: recriando a foto do Diário de Pernambuco no Residencial Boa Viagem, a figura 11, 43 anos depois.....	40
Figura 28: Vista da passarela da estação Shopping do metrô.....	40
Figura 29: Passarela sobre o canal do Rio Jordão, próximo ao Shopping Center Recife.....	41
Figura 30: Vista para o bairro de Boa Viagem e o Shopping Center Recife do alto de um dos prédios do Residencial Boa Viagem II.....	41
Figura 31: lixo visto no mangue próximo à Avenida Dom João VI, na rua Soldado Sinésio de Aragão.....	42
Figura 32: Foto obtida no momento em que entulho colocado em lugar irregular estava sendo retirado no encontro da Rua Cabo Gonçalo de Paiva com a Avenida Dom João VI.....	42

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 OBJETIVOS.....	11
2.1 Geral.....	11
2.2 Específicos.....	11
3 METODOLOGIA.....	12
4 REVISÃO DE LITERATURA.....	16
4.1 Paisagem e Geografia.....	16
4.2 O Lugar.....	19
5 A VIDA E A PAISAGEM DO RECIFE: 74 ANOS DE HISTÓRIA.....	22
5.1 A paisagem das escolas, do Engenho Uchôa e da Vila Operária Yolanda.....	23
5.2 Condomínio Marechal Castelo Branco, o Residencial Boa Viagem.....	28
5.2.1 Relação do Residencial com o entorno.....	29
6 VISITANDO AS PAISAGENS DA ENTREVISTADA: AS MODIFICAÇÕES NA PAISAGEM URBANA.....	33
6.1 O bairro de Areias.....	33
6.2 O bairro do Jiquiá: a Fábrica de Tecidos Yolanda e a Vila Operária Yolanda.....	36
6.3 Residencial Boa Viagem.....	39
7 CONCLUSÕES.....	43
REFERÊNCIAS.....	45

1 INTRODUÇÃO

O Recife é, entre as capitais brasileiras, a mais antiga. Durante séculos, mudou, cresceu e foi reinventada. Grande parte dos principais marcos e transformações da cidade já foram documentados em jornais, livros e filmes. Os estudiosos continuam a contribuir para o conhecimento sobre o tema, sempre fundamentados em métodos, teorias e perspectivas. No entanto, conhecer metodologicamente uma cidade não significa, necessariamente, ter vínculos ou percebê-la como um lugar especial e íntimo. Onde está o olhar do cidadão, aquele que estabelece laços com a paisagem do bairro e até se confunde com ele? Esta perspectiva não deve ser negligenciada no meio acadêmico, pois são aquelas pessoas que, de fato, vivem a cidade, que a Universidade deve buscar uma maior integração na busca de conhecimentos e de soluções práticas para os seus problemas.

No presente estudo buscou-se dar voz a uma das múltiplas vozes cidadãs da cidade do Recife que presenciaram, e mais que tudo, viveram em seus cotidianos as mudanças na paisagem, e estão habilitadas provocativamente a compartilhar as representações de localidades que emanam de suas memórias desde meados do século XX até os dias atuais.

Fundamentados na fenomenologia de Husserl e nos conceitos geográficos de Paisagem e Lugar, este estudo busca reconstruir o percurso descrito pela entrevistada por meio da análise de registros fotográficos. Para esse fim, foram utilizadas tanto imagens provenientes de acervos públicos quanto fotografias atuais captadas pelo autor, para demonstrar as mudanças ocorridas ao longo do tempo.

Dessa forma, este material será trabalhado ao longo deste trabalho, segundo a metodologia da escuta da narrativa, registros, recuperação de imagens, confrontos com a realidade atual, enriquecidas com mapas e registros históricos e da literatura em jornais, livros e documentos.

A realização de visita in loco para comparação do narrador com a realidade, é de vital importância como marcos significativos de evidências das dinâmicas percebidas e tal como um choque de mônadas para transportar a pessoa no espaço de suas memórias, e para os intérpretes da cidade, mais um recurso importante para ampliar as leituras da cidade do Recife.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Aplicar metodologias para registrar as representações de lugares de localidades na cidade do Recife através das paisagens vividas, concebidas e os lugares de três bairros da cidade do Recife: Areias, Jiquiá e Imbiribeira, através da percepção de uma cidadina e cidadão, ao longo de quase oito décadas.

2.2 Objetivos específicos

- Analisar a percepção da paisagem e o pertencimento da pessoa com lugar;
- Realizar diálogos com as vivências de uma mulher, pernambucana, recifense e cidadã, visitando as paisagens que foram abordadas nas entrevistas.

3 METODOLOGIA

A metodologia deste estudo compreendeu diversas etapas para embasar teoricamente a pesquisa e coletar dados relevantes:

1. Revisão sistemática da literatura: inicialmente, realizou-se a revisão da literatura com a utilização de recursos como Google Acadêmico, Portal CAPES, livros e revistas científicas. Essa etapa visou a obtenção de embasamento teórico sobre conceitos fundamentais, incluindo fenomenologia, paisagem e lugar;

2. Foram realizadas três entrevistas em dias diferentes: no primeiro dia uma entrevista não estruturada, no segundo dia uma semiestruturada e no terceiro dia uma entrevista estruturada. A pesquisa qualitativa adotada foi a abordagem fenomenológica de Edmund Husserl (1989), na qual o entrevistado responde às questões formuladas enquanto o entrevistador se abstém de conceitos pré-determinados, evitando opiniões ou comentários que possam influenciar as respostas.

O fenômeno a ser estudado consiste nas próprias respostas do sujeito pesquisado às perguntas formuladas pelo pesquisador. Isso, no entanto, não torna o método fenomenológico passivo, descritivo do fenômeno estudado, pois trata-se de um trabalho de interpretação que busca desvendar o fenômeno em sua essência (MASINI apud Cunha e Oliveira, 2021);

3. Após a realização das entrevistas, foram necessárias idas a campo para obtenção de fotografias¹, de modo a retratar as paisagens mencionadas, e uma minuciosa pesquisa em acervo digital do jornal Diário de Pernambuco, onde foram realizadas pesquisas usando as palavras-chave: “Fábrica Yolanda”; “Yolanda Futebol Clube”; “Iolanda Futebol Clube”; “Vila Operária Yolanda”; Residencial Boa Viagem”; “Condomínio Marechal Castelo Branco”; “Mata Sete”; “Entra a Pulso”; “Comunidade Cardeal”; “Estação Areias”, “Estação Werneck”; e “Edgar Werneck”. O período

¹ Uma limitação imposta ao nosso estudo foi a falta de imagens da época relativas às paisagens citadas, bem como a falta de acesso à forma como elas se encontram na atualidade. Esse foi o caso da fábrica Yolanda e do clube de futebol que leva o seu nome, pelo fato de estarem cercados por muros. Quanto à vila, foi considerada como uma região perigosa e, portanto, de acesso inviável, razão pela qual fiquei impedido de transitar por suas ruas.

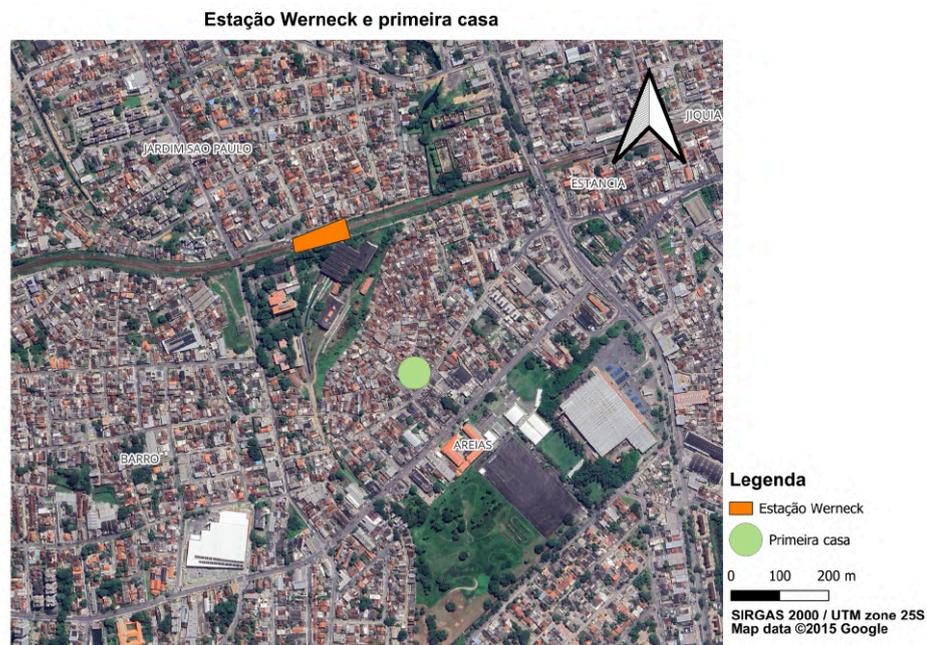
pesquisado no portal compreendeu o período de 1930 até 1996, último ano disponível. As fotos do Shopping Center Recife foram obtidas a partir de pedido à administração do Shopping por e-mail;

4. Elaboração dos mapas, pelo autor, a partir do aplicativo QGIS 3.38.3.

3.1 Área de estudo

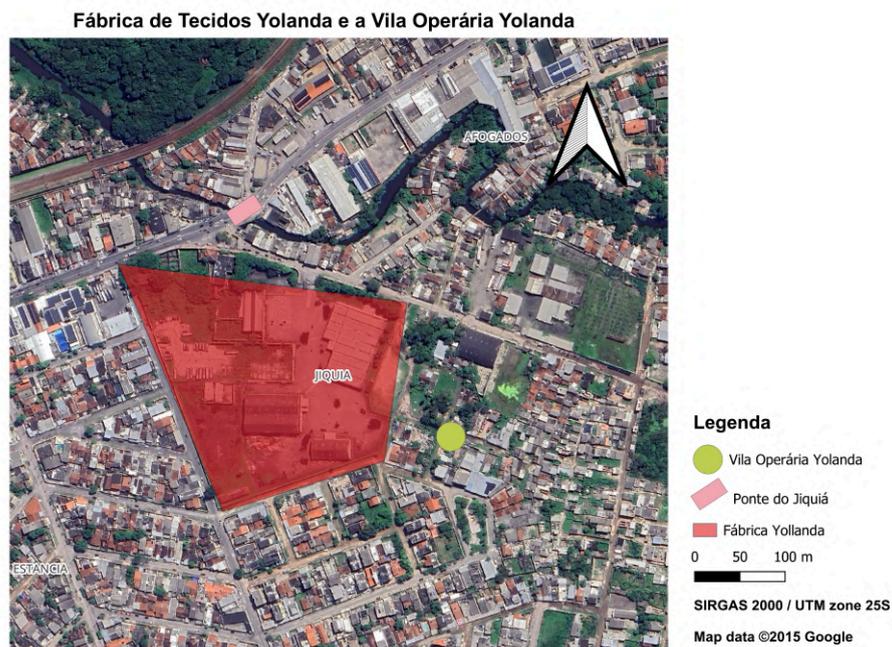
3.1.1 Mapas dos locais estudados

Figura 1 - Localização da Estação Werneck e primeira casa



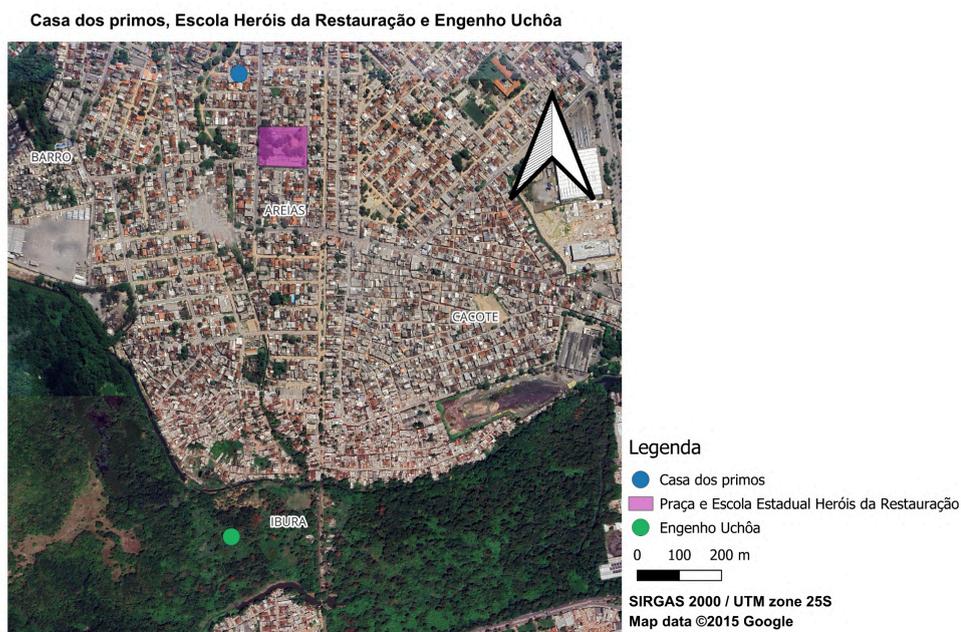
Fonte: O autor, 2025

Figura 2 - Localização da Fábrica de Tecidos Yolanda e Vila Operária Yolanda



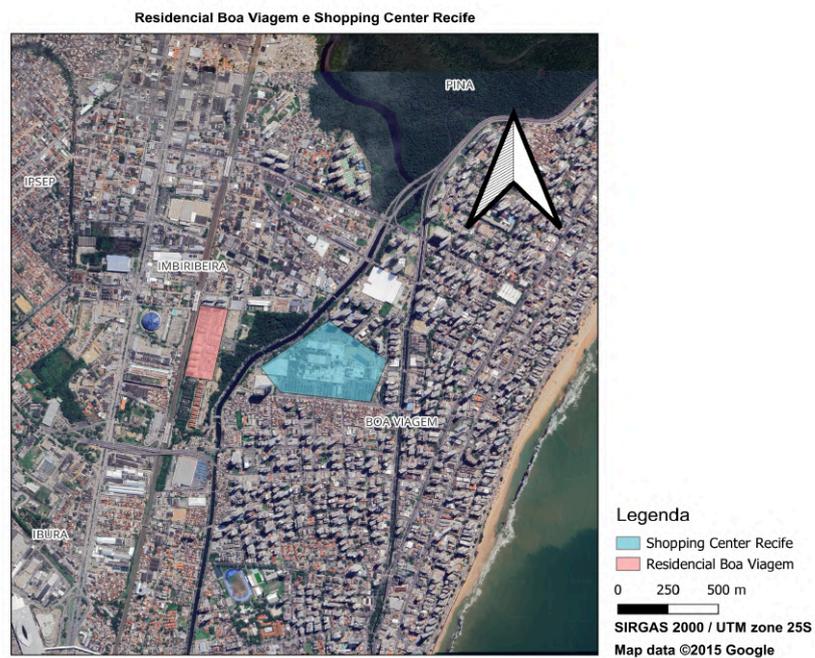
Fonte: O autor, 2025

Figura 3 - Localização da casa dos primos, da escola Heróis da Restauração e do Engenho Uchôa



Fonte: O autor, 2025

Figura 4 - Localização do Residencial Boa Viagem e Shopping Center Recife



Fonte: O autor, 2025.

4 REVISÃO DE LITERATURA

4.1 Paisagem e Geografia

Não temos a pretensão de ir até o fim da análise do termo que será abordado neste ponto. Neste item, a intenção é apenas mostrar alguns conceitos de paisagem de personalidades importantes sobre o tema e para a Geografia como ciência. Esses conceitos tiveram profundo peso no desenvolvimento deste trabalho.

A palavra *Paisagem* não é de uso exclusivo dos estudiosos, sendo utilizada no cotidiano amplamente. O conceito também não é exclusivo da Geografia e de nenhuma outra ciência, embora seja importante para muitas delas: Ecologia, História, Arquitetura, Arqueologia, Geomorfologia. Em todas elas a palavra possui seu próprio significado. Em relação à Ciência Geográfica, trata-se de um importante conceito-chave, da mesma forma como são os termos região, território, lugar e espaço. Ao longo da história da ciência, o conceito de paisagem teve contribuições de vários nomes, como Vidal de La Blache, Alexander Von Humboldt, Maximilien Sorre, Augustin Berque, Denis Cosgrove, Milton Santos e Roberto Lobato Corrêa. No presente trabalho elegemos as contribuições de Milton Santos, Denis Cosgrove e Augustin Berque, expoente da Geografia Cultural.

No mundo ocidental, Cosgrove (1985)² aponta que a paisagem surgiu no século XVI, na Renascença, período que se notabilizou pela presença de inúmeros artistas e de suas contribuições nas artes e na literatura. Nesse período, o que possibilitou o aparecimento da paisagem, em pinturas, foram as pesquisas nos campos da matemática e da geometria, com o desenvolvimento da técnica de perspectiva, na qual os objetos de uma imagem, vistos à distância, ganham diversos tamanhos e proporções (Corrêa, 2011). Essa questão da distância é o cerne do conceito da paisagem, uma vez que ela (a paisagem) é observada. Foram transformações na sociedade que mudaram a forma de ver do mundo (Corrêa, 2011). O foco humanístico, na época renascentista, serviu de contraponto a um período na história no qual Deus e a bíblia eram os centros das pesquisas. Um bom exemplo disso foi Agostinho de Hipona (Santo Agostinho) e suas teorias para explicar a disposição das espécies inteiramente situadas pelo livro sagrado dos

² COSGROVE, D. "Prospect, perspective and the evolution of the landscape idea". Trans. Inst. Br. Geogr., 1985, n. 10, pp. 45-62.

cristãos (Papavero e Teixeira, 2001). Berque (2023) cita também a história de Santo Eusébio que passou 40 anos fazendo o mesmo percurso e se negava a olhar às estrelas ou outra coisa que não fosse o caminho – o chão que precisava percorrer. A doutrina católica apregoava que Deus está dentro de nós. Logo, admirar a paisagem, admirar o que está exposto é desviar do caminho de Deus.

A respeito da construção do conceito de paisagem, desde a instauração da geografia, como ciência, entre os séculos XIX até após a metade do século seguinte (1970), o conceito era trabalhado em relação à sua morfologia. No período que se seguiu, no final do século XIX e início do século XX, surge o campo da Geografia Cultural, especialmente nos trabalhos do geógrafo alemão Friedrich Ratzel (2018)³, que introduziu o conceito de espaço vital (*Lebensraum*), e do norte-americano Carl Sauer (1963)⁴, considerado um dos principais expoentes da Geografia Cultural moderna. Quanto à geografia da paisagem e à relação entre cultura, poder e representação espacial, destacou-se sobremaneira o geógrafo britânico Denis Cosgrove, em livro organizado por Roberto Lobato Corrêa (2012). Seus estudos são considerados pioneiros para a renovação da Geografia Cultural. Sua abordagem humanista e crítica trouxe contribuições significativas para a compreensão da paisagem como uma construção cultural e simbólica, influenciada por relações de poder e ideologias. Para o autor (Corrêa, 2012, p. 206), a paisagem está intimamente ligada à forma do homem ver o mundo, “com a cultura, com a ideia das formas visíveis sobre a superfície da Terra e sua composição”.

Para Augustin Berque, – geógrafo, orientalista e filósofo francês, nascido em 1942 em Rabat, Marrocos – em livro organizado por Corrêa (2012), enquanto a paisagem é marcada pela sociedade, ela também é matriz, também participa do processo, da cultura do homem:

“É preciso compreender a paisagem de dois modos: por um lado, ela é vista por um olhar, apreendida por uma consciência, valorizada por uma experiência, julgada (e eventualmente reproduzida) por uma estética e uma moral, gerada por uma política etc.;e, por outro, ela é matriz, ou seja,

³ Ratzel, Friedrich. "Lebensraum: A Biogeographical Study [1901]." *Journal of Historical Geography*, vol. 61, 2018, pp. 59-80.

⁴ Sauer, Carl Ortwin. *Land and Life: A Selection from the Writings of Carl Ortwin Sauer*. Editado por John Leighly, University of California Press, 1963. Esta coletânea reúne diversos escritos de Sauer, incluindo "The Morphology of Landscape", oferecendo uma visão abrangente de suas contribuições para a geografia cultural.

determina, em contrapartida, esse olhar, essa consciência, essa experiência, essa estética, essa moral, essa política etc.” (CORRÉA, 2012, p. 240)

Berque (2023), ao falar de paisagem, cita o Deus Pã. Na mitologia grega, ele é o deus da vida selvagem, habitando os lugares mais remotos, lugares onde o homem não está presente. O deus dos bosques era um sátiro, metade homem e metade cabra, que sempre andava com a sua flauta. Aventureiros culpavam Pã sempre que escutavam barulhos medonhos de noite. Pã, assim como a maioria dos deuses gregos, representava o sobrenatural, as coisas que não tinham explicação na época. Nós consideramos a antiga religião grega como mito exatamente por isso; hoje temos respostas para as forças da natureza que os deuses gregos e romanos representavam. A mesma mitologia conta que uma voz um dia gritou “O deus Pã está morto!” sinalizando de certa forma o fim do desconhecido pelo homem. Era comum entre os camponeses gregos a frase *tárakhos Panikós*, o medo causado por Pã. Após ser abreviada apenas para *panikós*, em português, pânico. Pã era o medo do desconhecido, o terror pelo simples fato de não termos ciência do que acontece na natureza.

Já para o geógrafo baiano Milton Santos (2021), considerado um dos mais importantes pensadores da Geografia Humana e do pensamento crítico geográfico no século XX, a paisagem é o conjunto de formas visíveis do espaço que pode ser percebido pelos sentidos. No entanto, ela por si só não explica a totalidade do espaço, pois é apenas a manifestação externa das relações sociais e dos processos históricos: “a paisagem é história congelada, mas participa da história viva” (SANTOS, 2009, p. 107). Nós vemos resquícios da paisagem a todo momento, ela é a herança do passado imediato para o presente. Além disso, ela pode conter elementos antigos, embora seu significado possa se transformar em conformidade da imposição de novas lógicas sociais e econômicas.

SANTOS (2021) enfatiza ainda o papel das técnicas na transformação da paisagem: ela muda conforme a introdução de novas técnicas que alteram as formas e os usos do espaço.

Como observado com os conceitos para paisagem apresentados anteriormente, a paisagem, na ciência geográfica, parece estar sempre acompanhada de uma vírgula e não de um ponto. As possibilidades são diversas por estar vinculada ao humano, como disse a geógrafa pernambucana Edvânia Gomes:

“(...) saber que ela só existe como representação à medida em que algum indivíduo a apreende, e que esse processo de representação envolve precipuamente a ideia de mundo e conseqüentemente a inserção desse indivíduo e grupos sociais - dentro de estruturas às quais se vincula - abre novas janelas que enriquecem a temática” (GOMES, 1996, p. 45).

O que também torna a tarefa de conceituação complexa, com as contribuições sendo de áreas diversas, mostrando que a paisagem é um termo que requer vários ângulos. Ainda segundo a mesma autora, a paisagem existe a partir do indivíduo:

(...) e que ela é portanto única, individual, e nesse contexto, arbitrária, pois situa-se nas mãos do seu, que a observa, a reconhece, e a define (Carl Troll e Gehard Hard com suas obras me ajudaram a chegar a este ponto) além disso, a sua representação partiria dos filtros do seu capturador” (GOMES, 1995, p. 29).

4. 2 O Lugar

Edmund Relph, geógrafo canadense, na sua tese *The phenomenon of place*, de 1973, defende que o lugar é um fenômeno. Mais tarde sua tese virou livro: *Place and Placelessness*, em 1976. Essa obra ajudou a distanciar o conceito de lugar do conceito de local, tendo bastante influência do pensamento de Martin Heidegger (MARANDOLA, 2016). Para Relph, a essência e a identidade do lugar são o principal para compreender o conceito geográfico, com níveis de interioridade e exterioridade para indicar o envolvimento do homem com o lugar.

“Relph valorizava na fenomenologia a descrição das essências das estruturas temáticas, o exame dos modos como aparecem os objetos; o estudo da constituição dos fenômenos na consciência; a críticas ao cientificismo, seguidas de apelos do autor pela adoção de um aporte radical; a valorização da intersubjetividade e da intencionalidade; o reconhecimento de que este campo da filosofia tinha importância para o estudo do pensamento e do conhecimento, e na valorização de condutas de vida” (HOLZER, 2003, p. 114).

“Relph toma a identidade enquanto sentido de estar dentro e estar fora, de pertencer e de não pertencer. O autor não parte do entendimento metafísico de que pertencer é pertencer a, mas de que pertencer é ser. Esta concepção

é derivada da noção de identidade de Heidegger” (MARANDOLA, 2016, p. 10).

Eric Augé, antropólogo francês, formula dois conceitos que se relacionam: “lugar antropológico” e “não lugar”. O primeiro está próximo ao lugar de Relph, com interações com o homem, sendo íntimo. O segundo trata exatamente o contrário; um lugar produzido para ser usado, consumido. Ambientes que o homem vira um eterno viajante (aeroportos, supermercados, Shopping Centers, etc), ou até mesmo ambientes que já foram lugares de alguém (SÁ, 2014). Esse é o exercício de relacionar o lugar de Relph com o não lugar de Augé: como um pescador encara um rio que foi canalizado e não poderá mais tirar dele o seu sustento? Ou uma família que foi despejada de sua casa para dar lugar a uma ponte? A destruição desses lugares muda por completo um modo de viver.

“Se o lugar antropológico representa um tempo passado e o não lugar um provável futuro, pensar a relação entre os dois é de certo modo pensar uma realidade que se joga entre o que fomos/somos e aquilo em que poderemos nos tornar, ou melhor, aquilo em que estamos nos tornando” (SÁ, 2014, p. 211).

Todo lugar é paisagem, mas nem toda paisagem é lugar (Veras, 1995). O lugar é íntimo, é conhecido, o lugar não é do viajante que vai e não volta, mas do viajante que faz do lugar seu lar, sua intimidade. Daquele que cria uma relação, se impressiona e vive nele; às vezes, por ele.

O lugar é interação, troca e simbiose com o sujeito observador. O sentimento de pertinência e posse, possibilita se estabelecer um diálogo informal, numa relação dialógica com o universo apropriado” (Veras, 1995).

Logo, a identidade com o lugar é crucial. O tempo não é inteiramente descartável, uma vez que são necessárias interações com o lugar a ponto de chegar à afetividade. Para que essas interações ocorram, precisa-se de tempo, mas sem a sensação de pertencimento, acolhimento, não chegamos no lugar. Pode-se morar por muito tempo na mesma residência e não criar vínculos (HOLZER, 1997 apud MOREIRA & HESPANHOL, 2011).

Segundo Yi-Fu Tuan, geógrafo sino-estadunidense que trouxe à tona o conceito de topofilia, esse termo associa sentimento a lugar, e a consciência do passado é uma parte importante nesse processo, uma vez que o lugar é construído

pelas nossas experiências: “a experiência está voltada para o mundo exterior. Ver e pensar claramente vão além do eu” (TUAN, 2013).

A respeito da proximidade mencionada anteriormente entre lugar e local, é uma análise equivocada tratando os dois como sinônimos, muitas vezes com o lugar sendo resumido a uma localização pequena, tornando o lugar uma escala local (SERPA, 2022), diminuindo sua importância diante de outros conceitos, como os de região, paisagem e espaço. O lugar, para os geógrafos humanistas, tem senso de pertencimento. Logo, pode-se reconhecer um país, uma cidade, um bairro, ou até mesmo um continente como lugar (BARTOLY, 2012).

“Lugar, produto da experiência pessoal vivida, permeado de dimensões simbólicas, culturais, políticas e sociais, só adquire uma identidade e significado através das intenções humanas atribuídas a ele”. (MOREIRA & HESPANHOL, 2011).

Santos (2009) também falou a respeito do local e do lugar:

“Cada lugar é, à sua maneira, o mundo. (...) Mas, também, cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais (...) para apreender essa nova realidade do lugar, não basta adotar um tratamento localista, já que o mundo se encontra em toda parte” (SANTOS, 2009, p. 314).

5 RELATOS DA VIDA E DAS PAISAGENS DO RECIFE: 74 ANOS DE HISTÓRIA

O relato abaixo é de uma senhora com mais de 70 anos, que viveu as mudanças na cidade (figura 5) que logo fará 500 anos. Filha mais velha de Severina, que sempre morou em Areias, no Caçote. Fez sua casa perto da linha nova do trem. Era a última filha dos 23 filhos da sua mãe, e foi criada pela tia⁵. Nossa entrevistada é técnica de enfermagem, mas nunca exerceu a profissão. Trabalha como cabeleireira desde que se mudou para o Residencial Boa Viagem.

Neste trabalho foram elencadas as alterações em três bairros, numa das épocas de maior transformação na cidade: o amplo aumento populacional desde a década de 1950, quando a cidade passou de 500 mil para 1 milhão de habitantes em 1970⁶; as reformas que Recife sofreu de caráter higienista desde o começo do século XX, com a perseguição ao mocambo, tido como fonte de doenças (PONTUAL, 2000). Aliás, durante a extensa pesquisa realizada nos jornais digitalizados do Diário de Pernambuco, mesmo não encontrando fotos da fábrica de tecidos no jornal⁷, foram encontradas menções à Liga Social Contra o Mocambo, que pretendia eliminar esse tipo de habitação durante o governo do interventor Agamenon Magalhães. Obviamente, o foco deste trabalho não são as questões urbanas da cidade do Recife, cito-as pelo fato de que a Vila Yolanda foi construída nesse período, com apoio dessa liga, assim como várias outras vilas operárias (ESTELITA, 1941). A região metropolitana do Recife possuía uma das maiores indústrias do ramo têxtil do país, mas as fábricas foram declinando durante a segunda metade do século XX.

O aumento da ocupação de Boa Viagem e do bairro do Pina, áreas da cidade onde a maioria da população era de pescadores. Isso mudou definitivamente depois da enchente de 1975, onde a procura pela zona sul da cidade aumentou.

Também tivemos na cidade a criação do metrô de superfície na década de

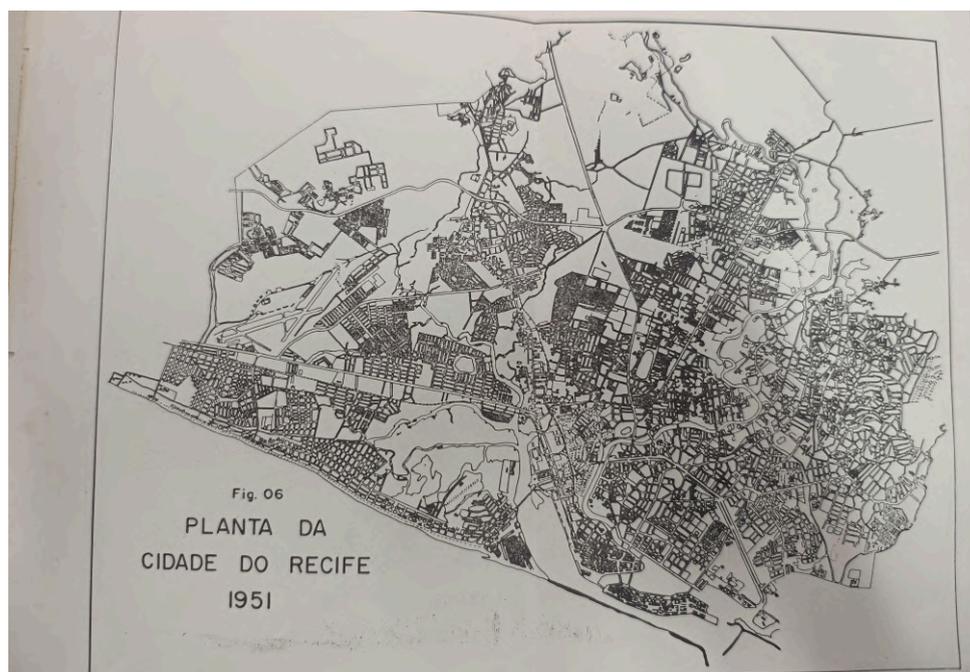
⁵ A tia em questão é Cândida. Ela morava em Palmares, veio morar em Recife e não tinha nenhum filho, então pediu pra irmã dela, Laura, uma das crianças pra ela não ficar sozinha em casa. A irmã deu a menina mais nova pois as mais velhas já ajudavam dentro de casa e por acreditar que ela “não iria viver por muito tempo”, estava muito doente. Mesmo assim, ela cuidou da nova filha e logo melhorou, em 1933.

⁶ IBGE, SIDRA.

⁷ A foto que consta neste trabalho, retirada da revista *O Cruzeiro* (figura 6), é especial. Uma das pessoas na foto é o prefeito Augusto Lucena, que esteve no cargo em dois momentos: 1964-1969 e 1971-1975. Foi o responsável, dentre outras coisas, da demolição da Igreja dos Martírios, necessária para a construção e alargamento da Avenida Dantas Barreto.

1980, onde o centro das linhas fica próximo da primeira casa da nossa entrevistada, a estação Werneck (figura 6). No Residencial Boa Viagem, a linha do trem não podia mais estar exposta, sem muros. Estando entre a linha do metrô da estação Shopping e o Shopping Center Recife, o Residencial Boa Viagem parece não se decidir se é na Imbiribeira ou no bairro de Boa Viagem.

Figura 5 - Planta da cidade do Recife em 1951



Fonte: MELO (1978).

5.1 A paisagem das escolas, do Engenho Uchôa e da Vila Operária Yolanda

Nasci próxima à linha nova (figura 6) de Areias, na Avenida José Rufino perto do Mercado de Areias, dentro de casa. Minha avó uma vez me contou que “era uma linda noite de lua nova, que parecia um prateado na areia”. Logo após o meu nascimento, minha mãe teve uma febre muito forte e ficou isolada no hospital, e não tinha leite materno para mim. Um vizinho estava preocupado comigo pela falta de leite materno, e sabia que uma mulher do cabaré “Ponte Sessão” tinha dado à luz a um bebê, e tinha muito leite, então me levava até o cabaré e pagava os serviços a ela, retornando também com garrafas cheias de leite para mais tarde.

Figura 6 - Estação Werneck.

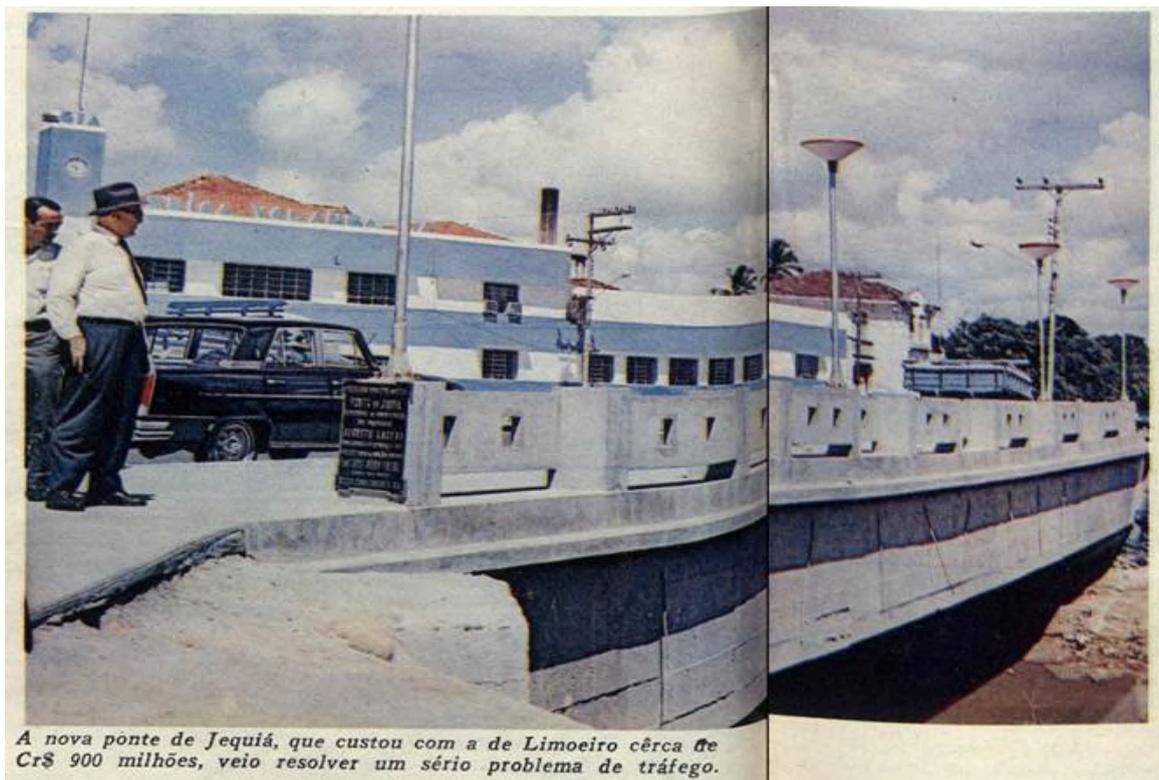


Fonte: Diário de Pernambuco, 1983.

Comecei a estudar com uma senhorinha na casa dela em Areias, ensinava a gente, botava de castigo, ensinou a tabuada, ela que me alfabetizou com a cartilha.

Depois nos mudamos de Areias para o Barro e moramos lá por dois anos. Minha avó foi morar em Tejipió e estudei lá, no Educandário Eli de Aguiar, o nome do diretor da escola, que era muito rígido com questão de fardamento, na década de 1960. Tínhamos que usar boina, meia até o joelho, uma coisa bem militar. Terminei o primário lá e então minha mãe conseguiu uma casa pela fábrica (figuras 7 e 8) que ela trabalhava, na Vila Yolanda, depois da ponte do Jiquiá (figura 7). A fábrica também tinha um time de futebol, o Iolanda Futebol Clube (figuras 9, 10 e 11).

Figura 7: Ponte do Jiquiá e Fábrica Yolanda ao fundo.



Fonte: revista O Cruzeiro, 1967.

Figura 8: propaganda da Fábrica Yolanda.

<p>TELEPHONE, 9110 Tolégomas, "RUHTRA" CAIXA POSTAL, 200 Codigos Usados: Ribeiro, Borges, Mascotte 1. e 2. Ed.</p>	<p>FIAÇÃO E TECELAGEM DE: JUTA, ANHAGENS, SACCARIAS E BARBANTES Telephone, 6229</p>
<p>Fabrica "Yolanda"</p>	
<p>Avenida José Rufino, 23</p>	
<p>'GIQUIA'</p>	

Fonte: Diário de Pernambuco, 1931.

Figura 9: Iolanda Futebol Clube.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO—TERÇA-FEIRA, 12 DE JANEIRO DE 1960

Liberatório De Dick, Colocado À Venda Por 300 Mil Cruzeiros

Iolanda Também Campeão Juvenil: Vencido O Cacique Na Prorrogação

Disputando a terceira partida da série de melhor de quatro pontos para a escolha do campeão na categoria, o Iolanda conseguiu vencer o Cacique, domingo último na preliminar do seu confronto contra o Esporte, e ficou com o título máximo dos juvenis.

90 MINUTOS: EMPATE.
O Cacique ganhou o primeiro jogo, quando na contenda número dois, o que favoreceu ao Iolanda a disputa de uma outra partida. E esta ainda não apontou o vencedor, isto porque o placar terminou com um empate de 2x2.

Nos quarenta e cinco minutos iniciais, Jorge conseguiu dar a primeira vantagem ao Iolanda, porém Baster alcançou o empate parcial, resultado que persistiu por todo restante do primeiro tempo. Na fase derradeira, o Cacique entrou melhor articulado e conseguiu seu segundo ponto, por intermédio de Darlan e passou a jogar como provedor campeão.

Acontece que os jogadores do Cacique aos poucos foram perdendo o fôlego e terminaram cedendo o empate. Já ao apagar das luzes da contenda, assim mesmo por meio de uma penalidade máxima que Edson Soboto com precisão para empatar o prêmio mais uma vez.

PRORROGAÇÃO, ISTO

Na prorrogação, o placar ainda não foi movimentado nos primeiros 15 minutos, e que mudou um certo nervosismo aos jogadores. A essa altura, o Cacique já era um quadro dominado pela equipe de Iolanda, e a sorte foi sorrindo para os jogadores da zona sul, que terminaram alcançando um novo título máximo dos juvenis.

"MOBY DICK" LEVANTOU A PRINCIPAL PROVA DE DOMINGO, NO HIPÓDROMO DA MADALENA

A prova central da reunião horária de ontem, no Hipódromo da Madalena, o clássico Heróico Era Perseus, corrido em 1.800 metros, foi vencida pelo tordilho **Moby Dick**, pilotado pelo Jockey Carlos Redondo da Freitas.

O vencedor é natural de São Paulo, filho de «Balanco» e «Paventa», de propriedade do «Turmas» Irmas de Pontes Vieira e tem como treinador Paulo Silva.

O maior acontecimento do «meeting» foi a sensacional vitória de Jéfira Negra, no quinto páreo: dando um chubasco na alçada, pagou a sua posta 183 cruzados.

«Plaquitas» foi a única deserta da reunião. O movimento geral das apostas atingiu a 804.700 cruzados.

RESULTADO GERAL

1.º PAREO — 1.000 METROS — DOZAÇOS: 8.000 E 1.200
CAUZEIROS:
1.º — «Grandessa, 80 quilos, Romildo Pereira. 2.º — «Campeão, 80 quilos, Rodolfo de Freitas. 3.º — «Armadura, 80 quilos, José Severino. 4.º — «Vingadora, 80 quilos, Reginaldo Soboto.
Tempo: (1) 14,00. Dupla: (2) 28,00. Tempo: 59 segundos.
Jockey do vencedor: Romildo Pereira. Movimento das apostas: 4.828 cruzados.

APOSTAS

1 — «Vingadora	447	13	...	76
2 — «Armadura	208	13	...	101
3 — «Grandessa	1.109	14	...	80
4 — «Plaquitas	209	23	...	228



Este é o quadro do Iolanda, que após uma luta dramática, contra o Cacique, conseguiu chegar ao título máximo da categoria juvenil, graças a um tento conquistado já no segundo período da prorrogação.

JUAN LOPES, UM CAMPEÃO DO MUNDO:

«Aos Brasileiros Sá

Fonte: Diário de Pernambuco, 1960.

Figuras 10 e 11: As festas no Iolanda Futebol Clube.

PMR ilumina acesso à sede do Iolanda

A Prefeitura do Recife concluiu os serviços de iluminação do acesso à sede do Iolanda Futebol Clube, no Jiquilá, aonde milhares de pessoas comparecem todos os fins-de-semana para se divertirem nas festas promovidas por aquela agremiação.

O sr. José Gomes, chefe do Serviço de Manutenção do Setor de Eletricidade da PMR, informou ao secretário Antonio Alves Amorim, que foram instaladas 12 luminárias a vapor de mercúrio do tipo MF-20, de 250 watts, em substituição a igual número de luminárias CIP-6 que estavam defeituosas, conforme autorização do prefeito Augusto Lucena.

A próxima meta da Prefeitura será a pavimentação daquela artéria, desde a Avenida José Rufino até as imediações da sede social daquele clube e a extensão dos trabalhos de iluminação a vapor de mercúrio às artérias adjacentes.

● A cantora (?) Gretchen tem se revelado como uma das maiores atrações dos programas de TV, ultimamente, por sua dança sexy e por seu físico privilegiado. No final de semana, os recifenses poderão "cuçti-la" ao vivo. Gretchen vai fazer temporada nos clubes sociais, começando no sábado pelo Iolanda Futebol Clube.

Fonte: Diário de Pernambuco, 1974 e 1980.

Fiquei morando lá até os meus 17 anos, e estudei na Escola Estadual Heróis da Restauração, em Areias, até terminar os estudos. Precisava andar a pé desde o bairro da Estância, pois não tinha condições financeiras. Tinham dois colégios lá na Estância, mas os dois eram pagos: Independência e Santa Luzia. A outra escola pública era na Avenida Sul, a Escola Joaquim Nabuco. Quando eu largava, comia na casa da minha tia, voltava pra casa a pé, e fazia esse percurso todo sozinha: vila da fábrica, escola, casa da tia, vila da fábrica. Todos os alunos precisavam entrar em fila para cantar o hino nacional. Quando terminavam de cantar, todo mundo subia a

rampa e iam para as salas. Conheci minha melhor amiga lá, que acabamos nos reencontrando aqui no Residencial Boa Viagem. O marido dela também ficava lá na praça da escola. Adorava a escola de Areias porque tinha uma lagoa cheia de vitória régia. Aterraram a lagoa e fizeram uma praça e metade da escola, dá tristeza ver por que eu amava tanto e agora ele tá assim. Tinha coqueiro, tronco de coco que faziam bancos. Antes tinha a pracinha da escola e a lagoa, agora é só uma praça da prefeitura.

Às vezes depois da escola andávamos até o Engenho Uchôa para tomar mel de engenho, que o segurança nos dava. Naquele tempo não tinham aberto aquela parte da estrada ainda, só tinha o canavial do engenho, depois também fizeram o quartel. A gente ia pela Vila das Lavadeiras e seguia e dava pro rio Tejipió, então depois do rio tinha o engenho. Era uma boa caminhada, bem distante, eu e meus dois primos pegávamos araçá e trapiá pelo caminho até o engenho, era o lanche da gente quando voltávamos da escola.

Minha mãe e eu moramos por sete anos na Vila Yolanda, mas minha mãe trabalhou lá por 35 anos e, quando se aposentou, entregou a casa. Éramos sete: cinco filhos, mãe e avó. A casa possuía 3 quartos: em um deles ficava mamãe, o segundo tinha dois beliches e dormiam Fátima e Nida, no outro João e Saulo, e eu dormia com vovó em outro quarto. Sou a mais velha entre todos, com 3 anos de diferença com o segundo mais velho.

Não brincava com ninguém da vila da fábrica, mas brincava com meus primos de pião, cabra-cega, amarelinha... Passava a tarde brincando com eles na casa dos meus primos, pois o quintal da casa deles era enorme! Ficava até às 15h. A vizinha, Gracinha, ficava com a gente, então éramos eu, Gal, Ademir e Fuca. Aí só ficávamos brincando coisas de menino por causa deles.

A casa era distante da fábrica, entre as duas tinham duas quadras de distância. Era uma fábrica de tecido, o único barulho era o campo de futebol, o Clube de Futebol Iolanda. Eu era jogadora de futebol de salão, jogávamos quarta-feira de noite, e todo sábado tinha jogo no clube de futebol. Até Roberto Carlos já cantou lá.

Quando uma das fábricas fechou, os donos da instituição pretendiam construir um conjunto habitacional no lugar da vila, mas os moradores antigos das casas começaram a brigar e ninguém fez mais nada, ficou só o terreno quebrado, uma cidade fantasma, que continua com parte das casas destruídas lá.

5.2 Conjunto Residencial Cidade Marechal Castelo Branco, o Residencial Boa Viagem

Quando chegamos aqui no condomínio (figura 12), éramos eu, meu marido e meu filho recém-nascido. Consegui quitar apenas no começo do mandato do presidente Lula, pois ele deu um subsídio para quitar os apartamentos. Todo mundo estava conseguindo o dinheiro para quitar, mas eu demorei muito, e uma mesma pessoa, Laura, sempre ligava pra mim me cobrando as prestações. Quando eu consegui o “desconto” do governo, fui a pé até a agência da caixa próxima a pracinha de Boa Viagem, paguei a última parcela, tive uma crise de choro pela felicidade e fiquei na praia.

Figura 12: O Residencial Boa Viagem



Fonte: Diário de Pernambuco, 1981.

Foi aqui que comecei a trabalhar de casa como cabeleireira: montei meu salão e desde então nunca mais parei! Tinha dias que eu ficava das 8h da manhã até as 7h da noite fazendo escova. Era uma briga pela quantidade de mulheres porque eu era a única que tinha um salão de beleza. Quando comecei, não tinha todos os aparelhos, nem o lavatório de cabelo ainda, e tive que lavar o cabelo de uma cliente no banheiro, mas ela adorou o meu serviço e continua até hoje, desde 1985.

Se eu ficar milionária, eu reformo, boto uma pessoa pra morar, mas não vendo, não, jamais!

5.2.1 Relação do Residencial com o entorno

O condomínio é próximo de várias comunidades, uma delas é a Entra a Pulso, conhecida antes também como Mata 7. Entra a Pulso tem esse nome porque eles não cedem às construtoras, que sempre iam lá pra comprar terreno e construir prédio. Só entra se for a pulso! Antes aparecia alguém para comprar a casa, oferecendo um valor bem baixinho, depois eles descobriram que eram da construtora. No geral o residencial era tranquilo, mas presenciei, durante os anos, uma briga entre as comunidades Coronel e Entra a Pulso. Fora isso, sempre respeitaram o Residencial. Foi uma briga entre as comunidades de modo que se passaram anos sem uma pessoa de uma comunidade passar para a outra (são de lados diferentes do canal sobre o rio Jordão). Isso foi de 1983 até o começo da década de 1990. Teve um dia que me acordei e tive notícias que 5 pessoas foram mortas numa noite, os corpos apareciam até no mangue, mas não era nada sobre tráfico de drogas, foi uma briga que se escalou entre as comunidades (figura 13). Apesar disso, o residencial em si era seguro a ponto de poder dormir com a janela aberta do meu apartamento do térreo.

Figura 13: A violência das comunidades próximas ao Residencial.



Fonte: Diário de Pernambuco, 1988.

Tinha uma linha de ônibus aqui dentro que ia até Afogados. O movimento ficou fraco e tiraram a linha, fomos até a prefeitura para "brigar" e conseguir uma linha para cá e conseguimos: 031 Shopping Recife/Residencial Boa Viagem. Não havia no condomínio estabelecimentos, só uma vendinha improvisada de madeira. Conversamos e conseguimos fazer com que a Caixa Econômica construísse, além da sede do condomínio, um conjunto de estabelecimentos, pois estávamos isolados, tínhamos que nos deslocar até Afogados, Ipsep ou Boa Viagem para termos acesso a serviços básicos.

Antes de terminarem de construir todos os prédios, tinha uma lagoa. Com as construções dos prédios acabaram com essa lagoa. Quando o Shopping Recife (figuras 14, 15 e 16) foi construído, foi uma alegria porque tinha um lugar diferente pra ir, um lugar chique. Nessa época tinha muito caranguejo aqui, por conta da maré, vinham até a rua quando chovia, então a gente fazia uma armadilha com casca de laranja pra pegar guaiamum e siri mole, que dava um prato muito gostoso. Ele perdia a casca dura e nessa época pegaram ele pra fazer comida. Lembro que minha avó cozinhava na água, depois fritava e fazia moqueca de leite de coco. Ele

fica super molinho, e é muito melhor de tirar do que caranguejo e guaiamum porque não tem pelo.

Figura 14: Área antes da construção do Shopping Center Recife.



Fonte: Acervo Digital do Shopping Center Recife.

Figura 15: O Shopping Center Recife já construído.



Fonte: Alcir Lacerda, 1980.

Figura 16: Shopping Center Recife e trecho do rio Jordão antes de ser canalizado.



Fonte: Acervo Digital do Shopping Center Recife.

6 VISITANDO AS PAISAGENS DA ENTREVISTADA: AS MODIFICAÇÕES NA PAISAGEM URBANA

6.1 O bairro de Areias

Primeiro citado pela entrevistada, o bairro de Areias comporta a Escola Heróis da Restauração (figura 19) e sua primeira moradia, próxima a “linha nova” do metrô, a estação Werneck, antiga estação Areias. A estação de metrô de superfície continua funcionando desde a década de 1980. Têm o nome de “linha nova” porque a outra linha de trem — a linha velha (figuras 17 e 18) — existente em Areias leva os trens que precisam de reparos para um parque de manutenção pertencente à Companhia Brasileira de Trens Urbanos (CBTU).

Figura 17: antiga linha de trem no cruzamento entre as ruas Cambucá, Dona Ana Aurora e Aurora Caçote.



Fonte: o autor, 2024.

Figura 18: Aviso de via férrea no mesmo cruzamento.



Fonte: o autor, 2024.

A Escola Estadual Heróis da Restauração, local que a entrevistada deu bastante detalhes, teve sua praça (figuras 19 e 20) separada e o lago citado ainda existe, mas foi bastante reduzido. Não foram mais encontrados os “bancos de tronco de árvore”. Por ser a parte mais detalhada da entrevista, pudemos entender como é uma paisagem importante na memória da entrevistada, falando de pessoas que encontrava, dos momentos que passava dentro do colégio e na praça, e o percurso

diário, envolvendo a vila da fábrica, escola e a casa dos primos, por vezes indo até o Engenho Uchôa. Nos dias atuais, o Engenho Uchôa é um Refúgio da Vida Silvestre (RVS) e não foram encontrados registros fotográficos de quando possuía plantação de cana de açúcar.

Figura 19: Escola Estadual Heróis da Restauração.



Fonte: o autor, 2024.

Figura 20: Praça Heróis da Restauração.



Fonte: o autor, 2024.

Figura 21: Lago da praça Heróis da Restauração.



Fonte: o autor, 2024.

6.2 O bairro do Jiquiá: a Fábrica de Tecidos Yolanda e a Vila Operária Yolanda.

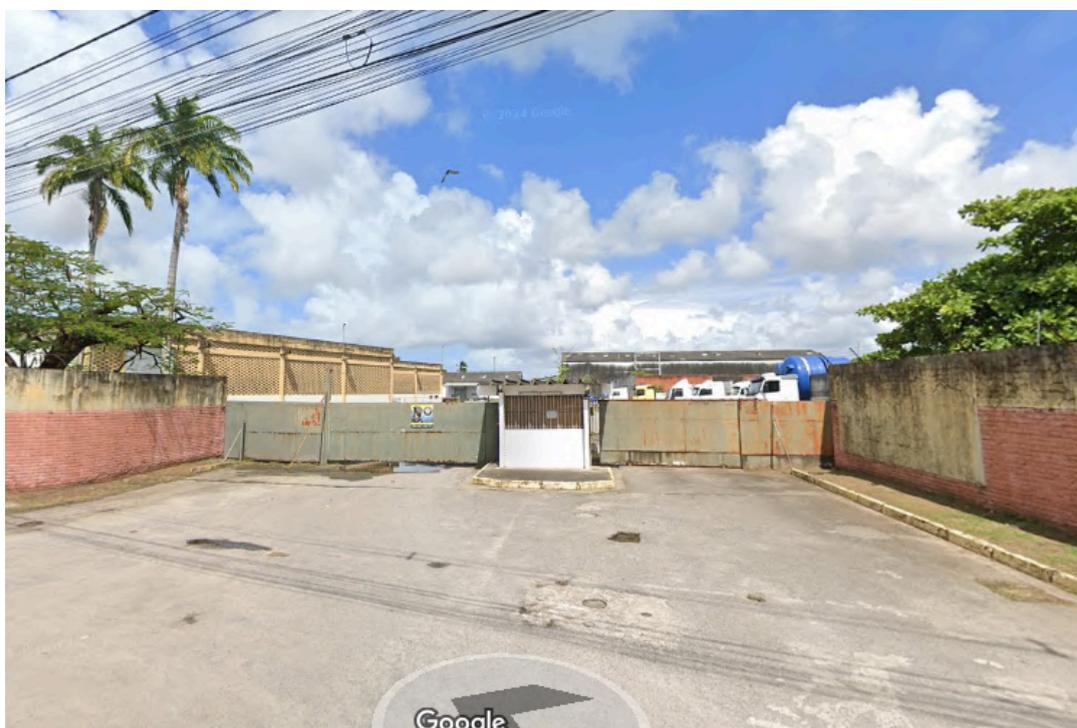
Sobre a fábrica e a vila, a foto encontrada na revista *O Cruzeiro*, de 1967 (figura 7), tem uma visão nítida da ponte do Jiquiá e da fábrica. Numa ida à Avenida José Rufino e por meio do Google Maps, foi possível refazer a foto, mostrando as mudanças atuais (figuras 22, 23 e 24). A fábrica não funciona como antes, permanecendo fechada e virando um enorme pátio de caminhões, assim como perdeu o letreiro que indicava que funcionava a Fábrica de Tecidos Yolanda ali. No lugar da Vila Operária Yolanda encontram-se terrenos vazios e possível ferro velho com veículos destrinchados e algumas ocupações de populares (figura 25). O espaço, que outrora era Iolanda Futebol Clube, foi incorporado ao espaço da fábrica, tornando o trabalho de identificação inviável.

Figura 22: Ponte do Jiquiá e a antiga Fábrica Yolanda ao centro.



Fonte: Google Maps, 2024.

Figura 23: Antiga Fábrica Yolanda.



Fonte: Google Maps, 2024.

Figura 24: antiga Fábrica Yolanda.



Fonte: o autor, 2024.

Figura 25: Rua Harry Black, onde ficava parte da Vila Operária Yolanda.



Fonte: Google Maps, 2024.

Figura 26: Rua Harry Black.



Fonte: Google Maps, 2024.

6.3 Residencial Boa Viagem

O Residencial Boa Viagem sofreu várias mudanças desde o começo da moradia da entrevistada até os dias atuais: construções de novos prédios no mesmo condomínio e no entorno (figura 27); a praça e as edificações para estabelecimentos, instaladas dentro do Residencial pela Caixa Econômica Federal; criação de estações de metrô próximas (Estações Shopping e Tancredo Neves), fechando a passagem à linha férrea e fazendo necessária a construção de passarelas nas estações (figura 28), o que dificultou o acesso no sentido do Ginásio de Esportes Geraldo Magalhães; o fim de parte do mangue limítrofe ao Residencial e ao Shopping Center Recife (figura 29 e 30), dando abertura à construção da Avenida D. João VI, que liga o bairro de Boa Viagem à Piedade, com o túnel Augusto Lucena.

Não foi possível encontrar mais caranguejos no fragmento de mangue nos dias atuais. Na verdade, prevalece a presença de esgoto e lixo, principalmente restos de materiais de construção (figura 31 e 32). A situação do mangue não é exclusiva desse próximo ao Residencial, uma vez foi um ecossistema muito atacado para a expansão da cidade. A criação da Via Mangue, via expressa localizada nos bairros de Boa Viagem e do Pina, é um bom exemplo disso.

Figura 27: recriando a foto do Diário de Pernambuco no Residencial Boa Viagem, a figura 11, 43 anos depois.



Fonte: o autor, 2024.

Figura 28: Vista da passarela da estação Tancredo Neves do metrô.



Fonte: o autor, 2024.

Figura 29: Passarela sobre o canal do Rio Jordão, próximo ao Shopping Center Recife.



Fonte: o autor, 2025

Figura 30: Vista para o bairro de Boa Viagem e o Shopping Center Recife do alto de um dos prédios do Residencial Boa Viagem II.



Fonte: o autor, 2024.

Figura 31: lixo visto no mangue próximo à Avenida Dom João VI, na rua Soldado Sinésio de Aragão.



Fonte: o autor, 2024.

Figura 32: Foto obtida quando o entulho colocado em lugar irregular estava sendo retirado no encontro da Rua Cabo Gonçalo de Paiva com a Avenida Dom João VI.



Fonte: o autor, 2024.

7 CONCLUSÕES

As paisagens e lugares trazidos à tona pelo discurso da entrevistada contam uma história de modificações de uma parte da cidade no decorrer de sua vida: quando fala da paisagem da escola Heróis da Restauração, da casa dos primos, do caminho que percorria até a mata do Engenho Uchôa, percebe-se como aqueles lugares são íntimos, como a escola e a casa dos primos são mais interessantes para seu *eu* adolescente do que a própria casa, pelas possibilidades de brincadeiras, de encontrar amigos e das visitas ao Engenho. A vila operária e a fábrica aparecem mais como lugar de descanso, não como um lugar de memórias afetivas fortes. A única moradia que não é só paisagem, mas também um lugar, é a do Residencial Boa Viagem, nitidamente a casa ocupada por mais tempo pela entrevistada, ao afirmar que nunca venderia a residência, por todo o histórico de luta para conseguir a casa própria, montar seu salão de cabeleireiro e sua participação ativa nas melhorias junto a outros condôminos para o Conjunto Cidade, além do reencontro com amigos da escola Heróis da Restauração.

Trazemos atenção para a paisagem da praça da escola, que foi alterada de acordo com a memória da depoente. Ela não vê mais vínculo com aquele lugar do mesmo modo que possuía antes, por todas as alterações que a prefeitura promoveu. É uma paisagem que só resta em sua memória, uma passagem que não conseguimos resgatar na pesquisa de campo, assim como a fábrica e a vila operária. Faz pensar nos não lugares de Augé. Mesmo que o lugar físico não tenha sido totalmente destruído, apenas modificado, essas alterações foram suficientes para que não tenhamos mais um senso de pertencimento a algo que exista no hoje, apenas nas memórias.

Reiteramos Santos (2009) ao pontuar sobre a questão da *sensorialidade da paisagem*, uma vez que pudemos observar a sobreposição da visão e do paladar em relação aos outros sentidos. Tuan (2012) também já havia se manifestado sobre a importância da visão, dada pelo ser humano, em detrimento de outros sentidos. Tal fato ocorre frequentemente quando se trata da aplicação do conceito comumente mais conhecido de paisagem, ou seja, daquele que considera a perspectiva de um observador. No presente caso, os dois únicos observadores entrevistados, citados em todo o relato.

Por outro lado, a construção histórica da paisagem permite que se viaje no tempo, recordando esses fatos com auxílio de fotos ou mesmo de comidas, como fez a entrevistada ao recordar o prato de siri mole feito pela avó.

Considerando que a abordagem da fenomenologia se concentra no fenômeno, e o fenômeno estudado se deu pelas respostas da entrevistada, foi um trabalho bastante direto, com interpretações e descrições a respeito das entrevistas. É uma característica desse método, não dando espaço a suposições ou extrapolações em determinado ponto que não condiga ao fenômeno, o que acarretou um trabalho curto. Mesmo em se tratando de uma questão subjetiva — a percepção que uma pessoa tem a respeito de paisagens e lugares — podemos tirar conclusões e entender aquele fenômeno, uma vez que ele foi descrito para nós. Saímos da subjetividade para a intersubjetividade. Ademais, o uso deste método nos permitiu ver a cidade de um modo que não se poderia com métodos mais comuns de pesquisa, por este conseguir entrar no íntimo do indivíduo — que neste trabalho também foi o objeto — para entender melhor suas relações com os lugares e as paisagens que nos externou.

REFERÊNCIAS

BARTOLY, F. **Debates e perspectivas do lugar na geografia**. GEOgraphia, v. 13, n. 26, p. 66-91, 13 jun. 2012. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13625>. Acesso em: 23/02/2025.

BERQUE, A. **O Pensamento-paisagem**. São Paulo: edusp, 2023.

BIBLIOTECA NACIONAL. **Memória Biblioteca Nacional**, 2025. Página inicial. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx>. Acesso em: 26/03/2025.

CORRÊA, Roberto Lobato. **DENIS COSGROVE – A PAISAGEM E AS IMAGENS**. Espaço e Cultura, Rio de Janeiro, n. 29, p. 7–21, 2011. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/3528>. Acesso em: 9 abr. 2025.

CORRÊA, R. L., e ROSENDAHL, Z., orgs. **Geografia cultural: uma antologia** [online]. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012, vol. 1. ISBN 978-85-7511-438-4.

ESTELITA, J. **Cruzada social contra o mocambo no Recife**. Arquitetura e Urbanismo, v. 6, n. 14, 1941, pp. 47–60. Disponível em: <http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/index.html>. Acesso em: 27/03/2025.

GOMES, E. T. A. **“PAISAGEM” TRILHA FUGAZ E PERMANENTE NA ANÁLISE DOS ESPAÇOS**. Revista de Geografia. Recife: UFPE/DCG, v. 11, n. 1, jan/jul de 1995. ISSN 0104-5490.

GOMES, E. T. A. **PAISAGEM, UMA JANELA TRANSDISCIPLINAR**. Revista de Geografia. Recife: UFPE/DCG, v. 12, n. 2, jul/dez de 1996. ISSN 0104-5490.

HOLZER, W. **O conceito de lugar na geografia cultural-humanista: uma contribuição para a geografia contemporânea**. GEOgraphia, v. 5, n. 10, 2 dez. 2009.

HUSSERL, E. **A ideia da fenomenologia**. Rio de Janeiro, Vozes, 1989.

LEITE, F. T. **Metodologia Científica**. São Paulo: Idéias & Letras, 2023.

LIMA, I. A história por trás da lenda de Pã, o deus dos bosques. **Aventuras na História**, 2023. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/desventuras/historia-por-tras-da-lenda-d-e-pa-o-deus-dos-bosques.phtml>. Acesso em 26/03/2025.

MARICATO, E. **Para Entender A Crise Urbana**. CaderNAU, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 11–22, 2015. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/cnau/article/view/5518>. Acesso em: 5 jul. 2024.

MELO, M. L. **Metropolização e Subdesenvolvimento: o caso do Recife**. Recife, UFPE, 1978.

MOREIRA, E. V.; HESPANHOL, R. A. de M. **O LUGAR COMO UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL. Formação** (Online), [S. l.], v. 2, n. 14, 2011. DOI: 10.33081/formacao.v2i14.645. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/645>. Acesso em: 26 mar. 2025.

OLIVEIRA, G. ; CUNHA, A. **Breves Considerações a Respeito da Fenomenologia e do Método Fenomenológico**. Cadernos da FUCAMP, v. 20, n. 47, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2533>. Acesso em: 08/08/2024.

PAPAVERO, N.; TEIXEIRA, D. M.. **Os viajantes e a biogeografia**. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 8, p. 1015–1037, 2001.

PONTUAL, V. P. **O urbanismo no Recife: entre ideias e representações**. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais, [S. l.], n. 2, p. 89, 2000. DOI: 10.22296/2317-1529.2000n2p89. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/39>. Acesso em: 5 jul. 2024.

PONTUAL, V.; CARNEIRO, A. R. S. **História e Paisagem**. Recife: Edições Bagaço, 2005.

SÁ, T.. **Lugares e não lugares em Marc Augé**. Tempo Social, v. 26, n. 2, p. 209–229, jul. 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-20702014000200012>>. Acesso em: 26/03/2025.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço**. São Paulo: edusp, 2009.

SANTOS, M. **Metamorfose do Espaço Habitado**. São Paulo: edusp, 2021.

SERPA, Angelo. **Problematizando lugar como conceito e categoria da Geografia Humanista**. GEOUSP Espaço e Tempo (Online), São Paulo, Brasil, v. 26, n. 2, p. 77–89, 2022. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2022.197944. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/197944>. Acesso em: 26 mar. 2025.

TUAN, Y. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: EDUEL, 2012.

TUAN, Y. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. Londrina, EDUEL, 2013.

VERAS, L. M. **DO ESPAÇO A PAISAGEM, DA PAISAGEM AO LUGAR: a Filosofia, as Ciências e as Artes como instrumentos de reflexão na conceituação sobre Lugares Urbanos**. Revista de Geografia. Recife: UFPE/DCG, v. 11, n. 2, jul/dez de 1995. ISSN 0104-5490.